Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

C-16
278

CANTOS DA SOLIDÃO.

POESIAS

DO

Bacharel

BERNARDO JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES.

S. PAULO.

TYPOGRAPHIA LIBERAL, LARGO DA SE' N. 3.

De Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

1852.

AO LEITOR.

Temos o prazer de offerecer ao publico, e particularmente á mocidade academica as producções poeticas de um de nossos irmãos de letras, que ao separar-se de nós, legou-nos esses cantos melodiosos, como si fosse um adeos de despedida, e uma ultima lembrança de seu viver de outr'ora:—é o testamento do coração ao terminar-se a vida descuidosa de mancebo;— é o derradeiro olhar do viajante ao deixar as praias deleitosas de um paiz encantado, para expor-se aos azares de uma longa perigrinação por mares tempestuosos ; — é a balisa que servirá de assignalar-lhe essa quadra risonha da existencia, que, ainda depois de volvida, inspira-nos recordações tão deliciosas, como os aromas da patria que auras propicias levassem áos ermos do exilado.

Para nós os—CANTOS DA SOLIDÃO— significão alguma cousa mais:—a naturalidade com que são escriptos e esse perfume de tristeza e sentimentalismo, que elles exhalão bem provão não serem essas poesias uma creação puramente artistica;—ellas são a linguagem harmoniosa de uma alma poetica e inspirada, que se expande melancolica e suave como a luz de pallida estrella,—sentida e queixosa como as derradeiras notas de longinqua melodia em horas de repouso.

—E' a voz sympatica do coração que falla aos corações, e que sabe fazer-nos sorrir com seus praseres, e entristecer-nos com seus queixumes.

AO ILLM. SR. CORONEL

ANTONIO FELISBERTO NOGUEIRA.

ENDEREÇANDO-LHE ESTES CANTOS DA SOLIDAÕ.

Não vão meus cantos sob os vastos cimbrios
Do orgulho e da ambição offerecer-lhe
Em vasos d'ouro o nectar da lizonja ;
Filhos da solidão, nella se aprazem,
Nos livres ares folgão de expandir-se,
E reboar nos échos da montanha;
Nem adejando em torno da belleza,
Namorados accentos suspirando,
Aos labios d'ella mendigar surrisos ;
De Anacreonte as rozas não enfeitão
O meu pobre alaúde affeito ao pranto ;
Oh ! não... porque no vaso do meu peito
Sem seiva, a flor suave dos amores
Inclinou murcha o mavioso calix.
E nem vão elles, nos jardins da gloria
Colher-me o sacro louro do poéta,
Aureola fatal, que tantas vezes
Sobre a fronte que a cinge, attrahe o raio.

Qual leve aroma que da flor se exala,
E por momentos embalsama os ares,
Depois se esvae, se perde,—assim meus cantos
Talvez acabarão;—e a lyra ingloria
Se quebrará na pedra do meu tumulo
Sem mandar ao porvir um écho ao menos.

Ide pois, cantos meus, voai azinha;
Ide, vossa missão é pura e sancta;
Desdobrai sem receio as azas candidas
Na esphera azul;—transponde rios, serras,
Profundos valles, plainos e florestas,
E onde virdes retiro ameno e lédo,
Como que deste mundo separado
Por altos serros, que alcantis coroão,
Casto azilo soydoso, onde não chegão
O importuno alvoroço, os vãos rumores
Das procellas do mundo;—aonde virdes
De hirsuto monte nas virentes faldas,
Formoso alvergue branquejar risonho
Por entre a escura rama dos pinheiros,
Como um floco de neve, que dos montes
Rodou sobre o verdor do valle ameno,
Ahi pousae;—nesse escondido azilo,
Caro á meu coração, vive um amigo
No remanso dos ermos procurando
Sereno curso p'ra seus velhos dias,
E olvido para as magoas do passado.
Na vasta sombra desse tronco annoso

Provado ja em tormentosas luctas,
Um dia minha fragil juventude
Foi abrigar-se:—e placida guarida
Meus dias foragidos encontrarão.
Surrindo da tormenta, eu contemplava
Em luta com os tufões ranger-lhe o tronco,
E no tope sublime a tempestade
Passar rugindo sem vergar-lhe o collo ;
E abençoava o céo, que em meu deserto
Me mostrou sua sombra hospitaleira.

Mas —lá mesmo, na paz do seu retiro
Soffre talvez:—em sua nobre fronte
Os dias tem passado tormentosos,
Deixando nella em veneraveis surcos
Impresso o sello austero do infortunio ;
E em seu peito talvez fermenta ainda
O fel de mil lembranças dolorosas !
Elle soffre, que é essa a sina eterna
De uma alma pura e grande:—é assim que as nuvens
Procurão sempre o pincaro mais alto
E em torno conglobadas o coroão
De synistro bulcão, prenhe de raios.
Ide, minhas canções, voai aos ermos,
Filhas da solidão, voltae á ella !
Bafejae do deserto o altivo tronco,
E como um bando de fagueiras brisas,
Em torno lhe agitae as leves azas,
Perfumadas de amor, e de harmonia ;
Oiça-vos elle nas serenas sombras

A' soluçar com a fonte gemedora,
Que desfia entre o musgo dos penedos,
Brincar nas folhas c'os travessos zéfiros,
E nas humidas lapas suspirando ;
Oiça-vos a rugir com a tempestade
E reboar nas broncas serranias,
Gemer no pinheiral, roncar no abysmo
Co'as despenhadas aguas ribombando ;
Sobre seus lares adejar cantando,
Alegres como o trino da andorinha ;
E do repouso nas caladas horas,
Do leito seu afugentae cuidados,
Negras visões, anciados pesadêlos ;
O somno lhe embalae, e sobre a fronte
Fazei pousar-lhe um sonho de esperança,
Qual flor mimosa, a viajar no pino
De erma rocha, surcada pelos raios.

PRELUDIO.

Neste alaúde, que a saudade afina,
Apraz-me ás vezes descantar lembranças
De um tempo mais ditoso ;
De um tempo, em que entre sonhos de ventura
Minha alma repousava adormecida
Nos braços da esperança.....
Eu amo essas lembranças,—como o cysne
Ama seu lago azul, ou como a pomba
Do bosque as sombras ama.
Eu amo essas lembranças:—deixão n'alma
Um que de vago e triste, que adormece
As mais pesadas ancias :
São grinaldas ja murchas que recordão
Praseres de um festim ;
Tristes flores sem viço, mas que um resto
Inda conservão do suave aroma
Que outr'ora enfeitiçou-nos !
Quando o presente corre arido e triste
E do porvir o ceu sombrio e feio
Está ermo de encantos,
Oh ! é consolo derramar a vista
Na senda decorrida ;

Assim de novo um pouco se respira,
Uma aura das venturas ja fruidas ;
Assim revive ainda
O coração que angustias ja murcharão,
Bem como a flor ceifada dentro d'agoa
Revive alguns instantes !

O MEU IDEAL.

Quem és ? —d'onde vens tu ?
Sonho do céo, visão mysteriosa,
Tu, que assim me rodeias de perfumes
De amor e de harmonia ?
Não és raio d'esperança
Enviado por Deos, dictamo puro
Por mãos occultas de benigno genio
Em meu peito vertido ?
Não és anjo celeste,
Que junto a mi, no adejo harmonioso
Passa, deixando-me a alma adormecida
N'um extasi de amor ?

——

O' tú, quem quer que sejas, anjo ou fada,
Mulher, sonho ou visão,
Inefavel belleza, sê bem vinda
Em minha solidão !

Vem qual raio de luz dourando as trevas
De um carcere sombrio,
Verter doce esperança neste peito
Ja de illusões vasio,

Nosso amor é tão puro ! — antes parece
A nota aerea e vaga
De ignota melodia, extasi doce,
Perfume que embriaga ! ...

Amo-te como se ama o albor da aurora,
O claro azul do céu,
O perfume da flor, a luz da estrella,
Da noite o negro véo.

Com disvello alimento a minha chamma
Do peito no sacrario,
Como sagrada lampada que brilha
Dentro de um sanctuario.

Sim a tua existencia é um mysterio
A mim só revelado ;
Um segredo de amor, que trarei sempre
Em meu seio guardado !

Ninguem te vê — dos homens te separa
Um véo mysterioso,
Em que modesta e timida te escondes
Do mundo curioso.

Mas eu, no meu scismar, eu vejo sempre
A tua bella imagem ;
Ouço-te a voz trasida entre perfumes
Por suspirosa aragem.

Sinto na fronte meigo bafejar-me
Teu halito amoroso,
E do candido seio que me abrasa
O arfar voluptuoso

Vejo-te as formas do donoso corpo
Em vestes vaporosas,
E o bello riso, e a luz languida e meiga
Das palpebras formosas !

Vejo-te sempre, mas ante mim passas
Qual sombra fugitiva,
Que nos surri n'um sonho, e ante os olhos
Deslisa sempre esquiva !

Vejo-te sempre, ó tu por quem minh'alma
De amores se consome ;
Mas quem tu sejas, qual a patria tua
Não sei, nem sei teu nome !

Ninguem te vio sobre a terra,
E's filha dos sonhos meos :
Mas talvez, talvez que um dia
Te eu vá encontrar nos céos.

Tu não és filha dos homens,
O' minha celeste fada ;
D'argila d'onde nascemos,
Não és de certo gerada.

Tu és da divina essencia
Uma pura emanação,
Ou um efluvio do elysio
Vertido em meu coração.

Tu és dos cantos do empirio
Uma nota sonorosa,

Que nas fibras de minh'alma
Echôa melodiosa;

Ou luz de benigna estrella
Que doura-me a triste vida,
Ou sombra de anjo celeste
Em minha alma reflectida.

Em quanto vago na terra
Como misero proscripto,
E o espirito não vôa
Para as margens do infinito,

Tu apenas me appareces
Como um sonho vaporoso,
Ou qual perfume que inspira
Um scismar vago e saudoso;

Mas quando minh'alma sôlta
D'esta prisão odiosa
Vaguear isenta e livre
Pela esphera luminosa,

Irei voando ancioso
Por esse espaço sem fim
Até pousar em teus braços
Meu formoso Cherubim.

RECORDAÇÃO.

I.

Ja nos céos do occidente esparge a tarde
As desmaiadas rosas ;
Pelas tepidas brisas balouçada
A larangeira alastra o chão de flores,
E os ares peja de suave aroma :
Harpeja o sabiá com doces quebros
Molles endeixas, que a saudade inspira ;
E o trinado mavioso
Nos mansos ares echôa,
E de magica harmonia
O valle e o monte povôa,
E nas sombras da deveza
Na voz dos échos morre suspiroso
. . . . . .
Que mysterios de amor e de saudade
Vem sussurrar-me esta aura embalsamada ?
Porque rasão agora
Descai-me a fronte n'um scismar tão triste ?
D'onde vem estes sonhos,
Estas visões, que o coração me cercão
De sombras melancólicas ? ..
Não és tu, ó saudade,

Que me vens acordar no intimo peito
Suaves échos de uma feliz quadra
Que rapida escoou-se ?
Vinde, vinde lembranças saudosas,
Perfume do passado,
Vinde embalar minha alma com as imagens
De um futuro afortunado.

II.

Era uma tarde amena e socegada,
Tão placida como esta,
(Oh ! que viva saudade d'esse tempo
Nesta alma ainda me resta ! . .)
Era uma tarde—e ella reclinada
Na encosta da colina,
Na branca mão pousava tristemente
A face peregrina.
Não sei que amargo sonho lhe vergava
A fronte divinal :
Sondar quem pode os candidos mysterios
De um peito virginal ? !
Tambem o branco lyrio, quando sente
Do sol o vivo ardor,
Debruça a fronte languida, e se inclina
Do musgo no verdor.
Do sol poente um raio amortecido
Na face lhe pousava,
Como um beijo de adeos longo e saudoso
Que a tarde lhe enviava.

Com os olhos puros fitos no horisonte
Tão sosinha á scismar
Me parecia um anjo do céo vindo
Que vae para o céo voar.
Vinde, vinde lembranças saudosas,
Perfume do passado,
Vinde embalar minha alma com as imagens
De um tempo afortunado !

III.

E como quem receia
Mysterios violar de ignoto nume,
Em timido silencio eu contemplava
Aquella imagem placida e sublime,
Medroso de quebrar o fio mystico
De seu sonhar celeste ;
Té que a tarde apagou nos horisontes
Seu ultimo arrebol.
Então a vi ligeira deslisar-se
Nas sendas da deveza,
E como aerea fada
Nas sombras do crepusculo esvaecer-se.....
Foi-se;—porém aqui no fundo d'alma
Sempre encontro brilhando a imagem d'ella,
Bem como astro amoroso
Reflectindo no azul de manso lago
Clarão mysterioso !
Vinde, vinde lembranças saudosas,
Perfume do passado,

Vinde embalar minh'alma com as imagens
De um tempo afortunado ! . .

IV.

Debaixo do tranquillo céo dos ermos
Medrava o meu amor de dia em dia ;
Lá, pelos arvoredos sussurantes,
Nas recatadas sombras
Com o aroma das flores se alentava,
Com o som das brisas, com o gemer da fonte ;
Ella, só ella eu via no universo,
E tudo dentro d'alma retraçava
De minha amada as graças peregrinas.
No respirar da viração serena
Eu sentia seu halito;—nos échos
Do valle solitario eu escutava
Do seu fallar o accento mavioso ;
A aurora me lembrava o seu surriso,
A tarde o seu olhar.
Oh ! era doce aquelle puro affecto
Que então te sagrava,
Lyrio do valle, candido e singello,
Que os seios de minha alma embalsamavas
Com teu aroma extreme !
N'um pego de emoções nunca sentidas
O coração batia alvoroçado ;
De meu amor no enlevo parecia
Que ante mi se ia abrindo um mundo novo
Cheio de luz, de aromas, de harmonia,

Onde meiga esperança me surria,
Em meu caminho rosas desfolhando !
Vinde, vinde, lembranças saudosas
Perfume do passado ;
Vinde embalar minha alma com as imagens
De um tempo afortunado ! .

V.

Consolação !... o leve matiz d'ouro
Que a vida embellecia,
A' um sopro só da sorte esvaeceo-se,
Sumio-se n'um só dia ! .
Tudo é assim;—nos céos brilha um momento
Risonha alva manhã,
E não vê deslisar mais que uma aurora
Do valle a flor louçã.
Apenas do festim da natureza
Libamos as primicias,
Que logo á nossos pés cáe em pedaços
A taça das delicias.
Em vão a tarde neste sitio expande
Seus raios amorosos;
Em vão murmura a viração fagueira
N'esses vergeis saudosos.
E' ermo o valle, e a senda da collina
De relva se cobrio ;
E scismando sosinha a virgem bella
Ninguem, ninguem mais vio.
Um tufão arrancou do prado ameno

A flor dos sonhos meos;
E levando-a nas asas transplantou-a
La nos jardins de Deos.
Cessae, cessae lembranças saudosas
De um tempo ja volvido!
Ah! não mais me embaleis co'as vãs imagens
De um sonho esvaecido!.

INVOCAÇAÕ A' SAUDADE

Oh! filha melancólica dos ermos,
Consolo extremo, e amiga no infortunio
Fiel e compassiva;
Saudade, tu que unica inda podes
Nest'alma, erma de amor e de esperança,
Um som vibrar melodioso e triste,
Qual vento, que murmura entre ruinas,
Os gemebundos échos accordando;
Vem, ó saudade, ao vate que te invoca,
Vem sêr a minha musa;—á ti consagro
As cordas todas d'esta lyra infausta.
Quando o impetuoso sopro do infortunio
Nos passa n'alma, e murcha para sempre
O pouco que ha de amavel na existencia;
Quando tudo se esvae,—lédos sorrisos,
Suaves illusões, prazeres, sonhos,
Ventnra, amor, e até a mesma esp'rança,
Doces affectos, que nos voão d'alma,
Deixando-a escura e erma como um tumulo,
Só tu, meiga saudade,
Fiel amiga, jamais nos abandonas!
Jamais negas teu balsamo piedoso
Ao triste que te implora!

Qual de remotas, floridas campinas
Da tarde a branda aragem
Nas azas nos conduz suave aroma,
Assim, tu ó saudade,
Em quadras mais ditosas vaes colhendo
As risonhas visões, doces lembranças,
Com que vens affagar-nos,
Ornando no presente as sendas núas
Co'as flores do passado.
Não, não é dor o teu pungir suave,
E' um triste scismar de agras delicias.
Que o fel aplaca, que nos ferve n'alma,
E, em mavioso pranto convertido,
O faz correr banhando aridos olhos.
No intimo do peito.
Despertão emoções que amargão, pungem,
Mas fazem bem ao coração que sangra
Entre as garras de austero soffrimento !

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Agora que do dia a luz extrema
Se expande á frouxo nos calados valles,
Lá do roseo palacio vaporoso
Desce, ó saudade, vem, etherea fada,
N'um d'esses raios meigos, que se escoão
Do occaso enrubecido,
Envolta em nuvem mystica e diafana,

Os olhos langues, descaída a fronte,
Em minha solidão vem visitar-me,
E offerecer-me a taça mysteriosa
Onde vertes á um tempo o fel e o nectar.
Vem, ó saudade, leva-me com tigo
A' alguma encosta solitaria e triste,
Ou ignorado valle, onde só reine
Mysterio e solidão;
Juncto a algum tronco antigo, em cuja rama
Passe gemendo a brisa;
Onde se oiça a monotono queixume
Da fonte do deserto.
Lá, ó saudade, cerca-me das sombras
Da maviosa placida tristeza,
Que em lagrimas sem dôr os olhos banha;
Vem, que eu quero scismar, até que a noite
Fresco orvalho esparzindo-me na fronte
Venha de manso despertar minha alma
De seu delirio.....
. . . . . .

ILLUSÃO.

Vê, que painel formoso a tarde borda
Na brilhante alcatifa do horisonte !

As nuvens em phantasticos relevos
Aos olhos fingem, que inda alem da terra
Novo horisonte infindo se prolonga,
Onde lindas paisagens se desdobrão ;
Lagos banhados de reflexos d'ouro,
Onde se espelhão gigantescas fabricas ;
Solitarias encostas, onde avultão
Aqui, e alem ruinas pitorescas ;
Agrestes brenhas, serranias broncas,
Pendentes alcatis, agudos pincaros,
Fendendo um lindo céo de azul e rosas ;
Fontes, casaes deliciosos parques,
Encantadas cidades quaes se fôrão
Creadas por condão de aereas fadas,
Surdem do valle, entre vapor brilhante,
Com a fronte coroada de mil torres
De esguios corucheos, de vastas cupulas ;
E alem ainda mil aereas formas,
Mil vagas perspectivas se debuxão,

Que por longes sem fim se vão perdendo !
Todo enlevado na illusão donosa
Longo tempo meus olhos espaireço.....
Porêm do céo as cores ja desbotão,
Os fulgores se extinguem, se esvaecem
As phantasticas formas....vem de manso
A noite desdobrando o véo das sombras
Sobre o aereo painel maravilhoso ;
Apenas pelas orlas do horisonte
Bruxulêa atravez da escuridade
O crespo dorso dos opacos montes ;
E sobre elle fulgindo merencoria,
Suspensa, como palida lucerna
A solitaria estrella do crepusculo.

Assim vos apagaes em sombra escura
Lêdas visões da quadra dos amores !...
La vem na vida um tempo
Em que a um sopro gélido se extingue
A phantasia ardente.
Esse sol puro da manhã da vida,
Que doura-nos as nuvens da existencia,
E mostra alem, pelo porvir brilhando,
Um céo formoso e rico de esperança;
E esses puros bens que a mente illusa
Scismára em tanto amor, tanto mysterio,
Lá vão sumir-se um dia
Nas tristes sombras da realidade ;

E de tudo que foi com nosco fica
Apenas a saudade,
Triste fanal, brilhando entre ruinas!

HYMNO À AURORA.

E já no campo azul do firmamento
A noite extingue os cyrios palejantes,
E o manto tenebroso
Rojando silencioso
Transpõe do occaso os montes derradeiros;
A terra, de entre as sombras ressurgindo
Do molle somno languida desperta,
E qual noiva gentil, que o esposo aguarda
De gallas se adereça.
Rosea filha do sol, eu te saúdo,
Formosa virgem de cabellos d'ouro,
Que —tão gentil—os passos antecedes
Do rei do firmamento,
Em seus caminhos flores disparzindo!
Salve aurora!—quão donosa surges
Nos azulados topes do oriente
Desfraldando o teu manto auri-rosado,
Qual candida princeza
Que se ergue em seu formoso desalinho
Do leito voluptuoso.
Entre cantos e aromas festejada,
Tu, lá no ethereo throno vaporoso

Surrindo escutas os melifluos quebros
Das mil canções com' que saúda a tarde
O teu raiar sereno.....
Tambem tu choras, pois em minha fronte
Sinto teu pranto, e o vejo em gotas limpidas
A scintillar na tremula folhagem....
Mas em teu rosto, imagem de innocencia
Brilha atravez das lagrimas o riso....
Bemdiz o viajor extraviado
Tua luz benigna que a vereda acclara,
E mostra ao longe fumegando os tectos
De alvergue hospitaleiro.
Pobre colono alegre te saúda,
Por ver em torno do singello colmo
Surrir-se vicejante a natureza,
Manso rebanho retouçar contente,
Crescer a messe, as flores desbroxarem;
E unindo a vóz aos canticos da terra,
Aos céos envia sua humilde prece....
E o desditoso, que entre angustias vela
No insofrego leito revolvendo-se,
Espera inquieto o teu fulgor primeiro,
Que lhe derrama nas feridas d'alma
Celeste refrigerio.
Para ti, guarda a ave dos desertos
De seu cantar as mais suaves notas ;
E a flor que expande o calix orvalhado
As extremes primicias te consagra
De seu brando perfume....

Vem, casta virgem, vem com teu sorriso,
Teus perfumes, teu halito amorozo
Esta cuidosa fronte bafejar-me ;
Orvalho e fresquidão piedosa verte
Nos ardentes delirios de minh'alma,
E desvanece estas visões sombrias,
Funestos sonhos da penada noite !
Vem, ó nimpha.....
Mas que é feito d'ella? . .
O sol ja mostra na brilhante esphera
O disco ardente—e a linda moça etherea
Que inda á pouco entre flores reclinada
Surria-se amorosa no horisonte,
Emquanto a saudava com meus hymnos,
—Imagem do prazer, que breve dure,
Se esvaeceo nos ares....
Adeos. esquiva nimpha,
Fugitiva illusão, aerea fada !
Adeos tambem canções enamoradas,
Adeos rosas de amor, adeos surrisos....

INVOCAÇÃO.

O' tu, que ora nos tergos da montanha
Nas azas do Aquilão pousas rugindo,
E pelos céos entre bulcões sombrios
Da tempestade o plumbeo carro guias,
Ora suspiras na mudez das sombras
Manso agitando as invisiveis plumas,
E ora reclinado em nuvem rosea,
Que a brisa embala no ouro do horisonte,
Expandes no ether vagas harmonias,
Voz do deserto, espirito melodico,
Que as cordas vibras d'essa lyra immensa,
Que grata cadencìa o hymno celeste
Que inteira a creação á Deos exalça ;
Salvé, ó Anjo, — minha alma te saúda,
Minha alma que, á teu sopro despertada,
Branda murmura qual uma harpa eolia
Pelas brisas celestes embalada....

Sobre nuvens de perfumes
Te deslisas sonoroso,
E o rumôr de tuas azas
E' hymno melodioso ;

Que celeste cherubim
Te deu essa harpa sublime,
Que em variados accentos
As dulias do céo exprime ;

Harpa immensa de mil cordas
D'onde em caudal, pura enchente
Estão suave harmonias
Transbordando eternamente ? !

De uma corda a prece humilde
Como um perfume se exala
Entoando o sacro hosana,
Que do Eterno ao throno se ala ;

Outra como que prantêa
Com voz funebre e dorìda
O fatal poder da morte
E as amarguras da vida ;

Nesta, brando amor suspira,
E lamenta-se a saudade,
Nesta outra ruidora e ferrea
Trôa a voz da tempestade

Carpe as magoas do infortunio
De uma a voz triste e chorosa,
E só geme sob o manto
Da noite silenciosa

Outra o hymno dos prazeres
Entôa lêda e sonora,
E com canticos festivos
Saúda nos céos a aurora

Sem ti o mundo jasêra
Inda em lugubre tristesa,
E o horror do cháos reinára
Sobre toda a naturesa

Sobre a face do universo
Funerea paz se estendêra,
E o mundo em mudez perenne
Como um tumulo jasêra.

Sobre elle então pousára
Silencio torvo e sombrio,
Como um sudario cobrindo
Um cadaver quêdo e frio ;

De que servìra essa luz
Que abrilhanta o asul dos céos,
E essas côres tão mimosas
Que tingem da aurora os véos,

Essa risonha verdura,
Esses bosques, rios, montes,
Campinas, flores, perfumes
Sombrias grutas e fontes ?

De que servira essa gala,
Que te enfeita, ó natureza,
Se adormecida jaseras
Em estupida tristesa ?

Se não houvesse uma voz,
Que erguesse um hymno de amor,
Uma voz que a Deos dicesse
— Eu vos bemdigo — ó senhor ! —

Do firmamento nos ceruleos paramos
Sobre o dorso das nuvens balouçado,
Os olhos arroubados espraiando
Nos longes vaporosos,
Dos bosques, das remotas serranias,
E dos mares na turbida planice,
Cheio de amor contemplas
De Deos a obra tão formosa, e grande.
E em melodico adejo, então pairando
A' face dos desertos
De caudal harmonia as fontes abres:
Como na lyra que pendente oscilla
No ramo do arvoredo,
Roçadas pelas auras do deserto,
As cordas todas susurrando echoão,
Assim ao sopro teu, genio canoro,
De jubilo palpita a natureza,
E as vozes mil desprende
De seus eternos, mysticos cantores!
E dos horrendos brados do oceano,
Do rouco ribombar das cachoeiras,
Do rugir das florestas seculares,
Do querulo murmurio dos ribeiros,
Do fremito amoroso da folhagem,
Do canto da ave, do gemer da fonte,
Dos sons, rumores, maviosas queixas,
Que povoão as sombras namoradas,
Um hymno teces magestoso, immenso,
Que na amplidão do espaço murmurando

Vai unir-se aos concertos inefaveis
Que na limpida esphera vão guiando
O giro infindo, e misticas choreas
Dos rutilantes orbes....
Flôr, que se enlaça na grinalda eterna
De celeste harmonia, que incessante
Se expande aos pés do eterno !..

Tu és do mundo
Alma canora.
E a voz sonora
Da solidão ;

Tu harmonisas
O vasto hymno
Almo e divino
Da creação ;

És o rugido
D'alva cascata,
Que se desata
Da serrania ;

Que nas quebradas
Espuma e tomba,
E alto ribomba
Nas penedias ;

É dos tufões
Rouco zunido,
E o bramido
Da tempestade ;

Voz da torrente
Que o monte atrôa ;
Trovão, que echôa
Na immensidade.

Suspira a noite
Com teus accentos,
Na vós dos ventos
E's tu quem gemes ;

Á luz da lúa
Silenciosa
Na selva umbrosa
Com a brisa fremes ;

E no oriente
Tua voz sonora
Disperta a aurora
Do roseo leito ;

E tod'a terra
Amor respira,
De tua lyra
Magico effeito ;

E quando a tarde
Langue e amorosa
Com mão saudosa
Desdobra os véos,

Tua harpa aéria
Doce gemendo
Lhe vai dizendo
Um terno adeos !

Sentado as vezes no alcantil dos montes
Masculos sons nas cordas disferindo
A tempestade invocas,
E á tua voz os aquilões revoltos
A disfilada ruem,
E em seu furor uivando encarniçados
Luctão, forcejão, como se tentassem
Arrancar pelas bases a montanha!
Alarido infernal atrôa as selvas,
No monte ronca a turva catadupa,
Que por sombrios antros dispenhada
Ruge tremendo no profundo abysmo;
Igneo surco em subitos lampejos
Fende a lugubre sombra, — estala o raio
E os échos pavorosos ribombando
As celestes abobadas atroão;
A tempestade as azas rugidoras
De monte a monte estende,

———

E do trovão, do raio,
A voz ameaçadora,
A furia atroadora,
Dos euros turbulentos,

Das selvas o rugido,
Da catarata o ronco,
O baque de alto tronco,
A lucta de mil ventos,

Do rabido graniso
Nas broncas serranias
O estrondo que reboa
Nas oucas penedias,

E todo esse tumulto,
Que em musica horrorosa
Trôa, abalando os eixos do universo,
São échos de tua harpa magestosa!!

———

Porém silencio, ó genio, — não mais vibres
As bronzeas cordas, em que bramão raios,
Pregoeiros temiveis, que annuncião
Entre trovões a colera celeste.
Mostra-me o céo brilhando asul e calmo
Como a alma do justo e sobre a terra
Estende o manto amigo do socego.
Deixa errar tua mão nos aureos fios
Onde soes disferir molles cantigas
A cujos sons se embala a natureza
Em extasi suave adormecida,
E solta a susurrar por entre flores
Inquieto bando de lacivos zephiros;
Que por seu meigo alito affagada
A selva balancee harmoniosa
Sua virente cupula, exalando
Entre perfumes namorados quebros,
E de sinistras nevoas destoucando-se
No diafano asul do horisonte
Banhados de luz meiga, os montes surdão.

Quando sem nuvens, placida, festiva,
Tão bella assim, resplende a natureza
Me parece que Deos do excelso throno
Um sorriso de amor á terra envia,
E como nesses dias primitivos
Lá quando ao sopro seu omnipotente
Formosa a creação do cahos surgia,
Nas obras suas se compraz ainda.

. . . . . .

Vem pois, Anjo canóro do deserto,
D'esta harpa á Deos fiel roça em teu vôo
As fibras sonoras,
E dellas fuja um hymno harmonioso
Digno de unir-se aos mysticos concertos,
Que echoão na esphera,
Hymno banhado nas ardentes ondas
De santo amor, — que com sonoras azas
Em torno á Deos sussurre ;
Erga-se a minha voz, inda que debil,
Qual ciciar da canna que palpita
Ao sopro de uma aragem !..
Queime-se todo o incenso de minh'alma,
E em ondas aromaticas se expanda
Aos pés do omnipotente !..,

PRIMEIRO SONHO DE AMOR.

Que tens, ó virgem, que tão triste pousas
Na mão de neve a fronte pensativa,
E sobre os olhos languidos desdobras
O véo dos cilios negros?!
Que sonho melancólico
Embaça o espelho limpido dessa alma
Onde tão puro o céo se reflectia?
Ainda ha pouco via-te na vida
Qual entre flores doida borboleta,
Brincar, surrir, cantar...
E nos travêssos olhos de azeviche,
De vivos raios sempre illuminados,
Mirar-se a paz do céo....
Branco lyrio de amor aberto apenas,
Em cujo puro seio brilha ainda
A lagrima da aurora,
Acaso sentes ja nos tenros petalos
O nimio ardor do sol crestar-te o viço,
Vergar-te o fragil cóllo?
. . . . . .
Ah! bem o sei;— tua alma que desbrocha
Agora acorda do encantado somno
Da descuidada infancia,
E o anjo dos amores

Em torno á ti, batendo as plumas d'ouro,
O seio virginal com as azas roça ;
E qual macia brisa, que esvoaça
Roubando á flor o delicado aroma,
Vem roubar-te o perfume da innocencia ! .

. . . . . .

Embala, embala o vago pensamento
Com esses sonhos que a mente te embevecem
Em placida tristeza....
Elles são como as nuvens côr de rosa,
Que passão no horisonte, e os céos enfeitão
De gala mais formosa....
Ah ! é tão bella a nuvem de tristeza,
Que um pouco empana o brilho de teus olhos,
E murcha-te o sorriso !..
Oh ! é tão doce essa emoção primeira,
Esse vago anciar de um seio virgem,
Que scisma em vago amor !
Oh ! é tão bella essa melancolia
Bem como o alvorecer da manhã para
Surrindo-se entre lagrimas !..
Mysterioso vibrar de ignota lyra,
Á cujos sons maviosos
O coração desperta alvoroçado !
O' dor suave, mystico perfume,
Que, ao quebrar-se, o vaso da innocencia
Derrama dentro d'alma !
Deixa, sim, que na mente te deslisem
Esses sonhos de amor, embalsamados

De placida tristeza ;
Mas ólha, virgem, que a nuvem cor de rosa,
Que esmalta os horisontes, muitas vezes
Encerra a tempestade ! ..

A' UMA ESTRELLA.

OFFERECIDA A' MEU AMIGO

O SR. A. C. C. V. C.

Salve estrella solitaria,
Que brilhas sobre esse monte,
Timida luz maviosa
Derramando no horisonte.

Eu amo teu manso brilho
Quando languido se embate,
Pelos campos scintilando,
Da relva em humido esmalte.

Quando tremula argenteias
Um lago limpido e quêdo,
Quando infiltras meigos raios,
Pelas ramas do arvoredo.

Palida filha da noite
Sempre és pura e maviosa;
Fulge-te o rosto formoso
Qual branca orvalhada rosa.

Eu amo teu manso brilho,
Que como olhar amoroso,
Vigilante á noite se abre
Sobre o mundo silencioso,

Ou como um beijo de paz
Que o céo á terra envia,
Sobre a face lhe esparzindo
Silencio e melancolia.

Salve ó flor do ethereo campo,
Astro de meigo palor !
Tu serás, formosa estrella,
O fanal do meu amor.

Neste mundo que alumias
Com teu palido clarão,
Existe um anjo adoravel
Digno de melhor mansão;

Muitas vezes a verás
Sosinha o triste a pensar,
E seus languidos olhares
Com teus raios se crusar.

Nas faces a natureza
Lhe esparzio leve rubor,
Mas a fronte lisa e calma
Tem dos lyrios o palor.

Mais que o ébano brunido
Lhe fulge a madeixa esparsa,

E co'os anneis lhe sombrêa
O niveo collo de garça.

Nos labios de carmim vivo,
Rara vez paira um surriso;
Não pode surrir na terra
Quem pertence ao paraiso.

Seus ólhos negros, tão puros
Como o teu puro fulgor,
São fontes onde minha alma
Vae abrevar-se de amor.

Se a este mundo odioso
Onde me langue a existencia,
Me fosse dado roubar
Esse anjo de innocencia.

E nesses orbes que girão
Pelo espaço luminoso,
Para nosso amor escolher
Um azilo mais ditoso...

Se eu pudesse á ti voar,
Astro de meigo palor,
E com ella em ti viver
Eterna vida de amor....

Se eu pudesse... Oh! vão desejo
Que me embebe em mil delirios
Quando assim denoite scismo
Á luz dos celestes cyrios!

———

Porem ao menos um voto
Vou fazer-te, ó bella estrella,
A' minha supplica attende,
Não é por mim, é por ella :

Tu, que és o astro mais bello
Que gira no azul do céo,
Sê seu horoscopo amigo,
Preside ao destino seu.

Leva-a sobre o mar da vida
Embalada em sonho ameno,
Como um cisne que desliza.
A' flor de um lago sereno.

Se diante dos altares
Curvar os joelhos seus,
Derige-lhe a prece ardente
Direito ao throno de Deus

Se solitaria scismar,
No mais brando raio teu
Manda-lhe um beijo de amor,
E puros sonhos do céu;

Veja sempre no horisonte
Tua luz serena e mansa,
Como um surriso do céo,
Como um fanal de esperança.

Porem se o anjo celeste,
Sua origem deslembrar
E no lodo vil do mundo
As niveas asas manchar ;

Ai ! si louca profanando
De um puro amor a lembrança,
Em suas mãos sem piedade
Esmagar minha esperança,

Então, estrella formosa,
Cubra-te o rosto um bulcão,
E sepulta-te para sempre
Em perpetua escuridão ! . .

O ERMO.

Ao ermo, ó musa:—alem d'aquelles montes,
Que, em vaporoso manto rebuçados,
Avultão na extrema do horisonte....
Eia, vamos;—la onde a natureza
Bella e virgem se mostra aos ólhos do homem,
Qual moça indiana, que as ingenuas graças
Em formosa nudez sem arte ostenta ! . .
La, onde a solidão ante nós surge,
Magestosa e solemne como um templo,
Em que sob as abobadas sagradas,
Innundadas de luz e de harmonia,
Extasi sancto paira entre perfumes,
E se ouve a voz de Deos.—O' musa ao ermo ! . .

———

Como é formoso o céo da patria minha !
Que sol brilhante e vivido resplende
Suspenso n'essa cupula serena !
Terra feliz, tu és da natureza
A filha mais mimosa ; — ella surrindo
N'um enlevo de amor te encheo d'encantos,
E enfeitou-te das gallas mais donosas....
Na face te esparzio bellesa e vida,

E em teu seio intornou fecunda seiva !
Oh ! paire sempre sobre os teus desertos
Celeste benção; bem fadada sejas
Em teu destino, ó patria; e em ti recobre
A prole de Eva o Eden que perdêra.....

———

Olha, qual vasto manto que fluctua
Sobre os hombros da terra, ondêa a selva,
E ora surdo murmurio ao céo levanta,
Qual prece humilde, que no ar se perde,
Ora, açoitada dos tufões revoltos,
Ruge, sibila, sacudindo a grenha
Qual horrida bacchante:—alli despenha-se
Pelo dorso do monte alva cascata,
Que, de alcantis enormes debruçada,
Em argentea espadana ao longe brilha,
Qual longo véo de neve que, ondeando,
Pende da fronte esbelta de uma virgem,
E que, descendo a colear nos valles,
As plagas fertilisa e as sombras peja
D'almo frescor, e placidos murmurios ! . .

———

Alli campinas, rasos horisontes
Limpidas veias, onde o sol tremúla,
Como em doirada escama reflectindo
Floreas balsas, collinas vecejantes.
Toucadas de palmeiras graciosas,
Que em céo limpido e claro balanceão
A coma verde-escura.—Alem montanhas,

Eternos cofres d'oiro e pedraria,
Coroadas de pincaros rugosos,
Que se embebem no azul do firmamento!
Ou si te apraz, desçamos nesse valle,
Manso asylo de sombras e mysterio,
Cuja mudez talvez jamais quebrára
Humano passo, revolvendo as folhas,
E que nunca escutou mais que os arrulhos
Da casta pomba, e o soluçar da fonte....
Onde se cuida ouvir, entre os suspiros
Da folha, que estremece, os ais carpidos
Dos manes do Indiano que inda chora
O doce Eden, que os brancos lhe roubárão!..

———

Que é feito pois dessas guerreiras tribus,
Que outr'ora estes desertos animavão?
Onde foi esse povo inquieto e rude,
De bronzea côr, de torva catadura,
Com seus canticos selvaticos de guerra
Restrugindo no fundo dos desertos,
A' cujos sons medonhos a panthera
No seu cavil de susto estremecia?
Oh! floresta—que é feito de teus filhos?

———

Dorme em silencio o écho das montanhas,
Sem que o acorde mais o rude acento
Das guerreiras inubias:—nem nas sombras
Semi-núa, do bosque a ingenua filha
Se embala agora em indolente rêde!

Callarão-se para sempre n'essas grutas
Os propheticos cantos do piága ;
Nem mais o valle vê esses caudilhos,
Seus cocares na fronte balançando,
Por entre o fumo espesso das fogueiras,
Com sombrio lentor tecer, cantando,
Essas solemnes e sinistras dansas
Que o festim da vingança precedião....
Oh ! floresta que é feito de teus filhos ?
Esta mudez profunda dos desertos
Bem denuncia um horroroso crime....
O exterminio, o cativeiro, a morte
Para sempre varreu de sobre a terra
Essa misera raça:—nem ficou-lhes
Um canto ao menos onde em paz morressem !
Como cinza, que os euros arrebatão,
Se esvaecerão,—e do tempo a dextra
Seus nomes mergulhou noesquecimento.

———

Mas tu, ó musa, que piedosa choras,
Curvada sobre a urna do passado,
Tu, que jamais negaste ao infortunio
Um canto expiatorio, eia, consola
Do pobre Indiano os erradios manes,
E sobre a ingloria cinza dos proscriptos
Faze correr ao menos uma lagrima,
De compaixão tardia.

———

Nem só o rude incola das selvas
De seu furor foi victima;—apoz elle
Rue tambem a cupula virente,
Unico abrigo seu,—sua riqueza.
Eil-o, que vem, de ferro e fogo armado,
Da destruição o genio formidavel,
Em sua fatal marcha devastando
O que demais esplendido e formoso
Alardêa no ermo a natureza....
Esta tremula abobada, que ruge
Por seculares troncos sustentada;
Este silencio mystico, estas sombras,
Que agora me derramão sobre a fronte
Suave inspiração, scismar saudoso,
Vão em breve morrer;—la vem o escravo,
Brandindo o ferro, que dá morte ás selvas,
E —afanoso— põe peito á impia obra:—
Ja o tronco que os seculos creárão
Geme aos sonoros golpes, que restrugem,
Na profundez das brenhas echoando;
O tope excelso tremulo vacilla,
Sôa o ultimo golpe,—range o tronco ,
E tomba com horrisono gemido,
Que ruge qual trovão de monte em monte
Nas solidões profundas reboando....
Assim vão baqueando uma após outra
Da floresta as columnas venerandas ;
E todas essas cupulas immensas,
Que inda á pouco no céo balanceando,

A sanha dos tufões desafiavão,
Ahi jazem, como ossadas de gigante,
Que n'um dia de cólera prostrára
O raio do Senhor.—

———

Oh ! mais terrivel
Que o raio, que o diluvio, e rubro incendio
Vem consummar essa obra deploravel.....
Qual hydra formidavel, no ar exalça
A crista sanguinosa sacudindo
Com medonho rugido as igneas azas,
E negros turbilhões de fumo ardente
Das abrazadas fauces vomitando,
Em horrido negrume os céos sepulta.....
Estála ruge, e silva devorando
Da floresta os cadaveres gigantes ;
Voão sem tino as aves assustadas
No ar soltando pios lamentosos,
E as féras, em tropel timidas correm,
E se embrenhão no fundo dos desertos,
Onde vão demandar nova guarida,.....
Tudo é cinza e ruina:—adeos, ó sombras,
Adeos, murmurio, que embalou meos sonhos,
Adeos, sonoro fremito das auras,
Sussurros, queixas, suspirosos échos
Da solidão mysterioso encanto !
Adeos ! Em vão a pomba esvoaçando
Procura um ramo em que fabrique o ninho ;
Em vão suspira o viajor cançado

Por uma sombra, onde repouse os membros
Repassados do ardor do sól á pino....
Tudo é cinza e ruina,—tudo é morto.

———

E tu, ó musa, que amas o deserto,
Que amas das castas sombras o mysterio,
Que folgas de embalar-te aos sons aereos
D'almas canções, que a solidão murmura,
Que amas a creação, qual Deos formou-a,
—Sublime e bella—vem sentar-te, ó musa,
Sobre estas ruinas, e chora sobre ellas.
Chora com a avesinha, a quem roubarão
O ninho seu querido, e com teus cantos
Procura adormecer o ferreo braço
Do improvido colono, que,—tão cego ! —
N'estas plagas semêa só ruinas

———

Mas, não te queixes, musa;—são decretos
Da eterna providencia irrevogaveis !
Deixa passar destruição, e morte
N'essas risonhas, e fecundas plagas,
Como charrúa, que revolve a terra
Onde germinão do porvir os fructos.
O homem fraco ainda, e que hoje a custo,
Da creação a obra mutilando,
Sem nada produzir destrue apenas,
Amanhã creará ; sua mão potente,
Que doma e sobrepuja a natureza,
Hade imprimir um dia forma nova,

Na face deste sólo immenso e bello:
Sim virá tempo em que n'essa vallada
Onde fluctua a coma da floresta
Linda cidade surja, branquejando
Como um bando de garças na planicie;
E em lugar desse brando rumorejo
Ahi murmurá a voz de um povo;
Essas encostas broncas, e sombrias
Seráõ risonhos parques sumptuosos;
E esses rios que vão por entre sombras
Ondas caudaes serenos resvalando,
Em vez do tope escuro das florestas,
Reflectiráõ no limpido regaço
Torres, planicies, coruchêos brilhantes,
Zimborios magestosos e castellos
De bastiões sombrios coroados,
Esses bulcões da guerra, que do seio
Com horrendo fragor raios despejão....
Rasgar-se-hão os serros altaneiros,
Encher-se-hão dos valles os abysmos;
Mil estradas, qual vasto labirintho,
Crusar-se-hão por montes e planuras;
Curvar-se-hão os rios sob arcadas
De pontes collossaes;—canaes immensos
Viráõ surcar a face das campinas,
E estes montes veráõ talvez um dia,
Cheios de assombro, juncto a suas abas
Velejarem os lenhos do occeano!

Sim, ó virgem dos tropicos formosa,

Nua e singella filha da floresta,
Um dia, em vez do kanitar, que apenas
Um pouco encobre-te as mimosas carnes,
Te envolverás em fluctuantes sedas,
E abandonando esse cocar de plumas,
Que te sombrêa o rosto côr de jambo,
Apanharás em tranças —perfumada—
A coma escura, e dos donosos hombros
Finos véos penderáõ. Em vez da rede,
Em que te embalas da palmeira á sombra
Repousarás sobre coxins de purpura,
Sob docéis esplendidos.—O' virgem,
Então serás princeza forte e grande,
Temida pelos principes da terra;
E, cingida de aureola brilhante,
Radiará tua fronte altiva e bella:
Mas, quando em tua mente revolveres
As memorias das éras, que ja forão,
Quando no teu scismar d'alma acordares
Do passado lembranças quasi extinctas,
Dos bosques teos, de tua rude infancia
Talvez terás saudade.

O DEVANEAR DO SCEPTICO.

Ai da avesinha, que a tormenta um dia
Desgarrára da sombra de seus bosques,
Arrojando-a em desertos desabridos
De bronzeo céo, de fervidas areias ;
Adeja, paira, vôa,—nem um ramo,
Nem uma sombra encontra onde repouse,
E vôa, e vôa ainda, até que o alento
De todo lhe falece;—colhe as azas,
Cáe na areia de fogo, arqueja e morre....
Tal é, minh'alma, o fado teu na terra;
O tufão da descrença desvairou-te
Por desertos sem fim, onde em vão buscas
Um abrigo onde repouses, uma fonte
Onde apagues a sêde, que te abrasa !

. . . . . .

———

O' mortal, porque assim teus olhos cravas
Na abobada do céo ? Queres ver n'ella
Decifrado o mysterio inexcrutavel
Do teu sêr, e dos seres que te cercão ?
Em vão teu pensamento audaz procura

Arrancar-se das trevas que o circundão,
E no hardido vôo abalançar-se
A's regiões da luz e da verdade....
Baldado affan; —no espaço eil-o perdido,
Como astro desgarrado de sua orbita,
Errando ás tontas na amplidão do vacuo !
Jamais pretendas estender teus vôos
Alem do escasso e palido horisonte
Que a mão fatal em torno á ti traçára....
Com barreira de ferro o espaço e o tempo
Em acanhado circulo feixarão
Tua pobre razão:—em vão forcejas
Por transpor essa méta inexoravel ;
Os teus dominios entre a terra e os astros,
Entre o tumulo e o berço estão prescriptos :
Alem, que enxergas tú ?—o vacuo e o nada !...

———

Oh ! feliz quadra aquella, em que eu dormia
Embalado em meu somno descuidoso
No tranquillo regaço da ignorancia;
Em que minh'alma, como fonte limpida,
Dos ventos resguardada em quieto abrigo,
Da fé os raios puros reflectia !
Mas n'um dia fatal encósto á bôca
A taça da sciencia;—senti sêde
Inextinguivel á crestar-me os labios ;
Traguei-a toda inteira,—mas encontro
Por fim travor de fel ;—era veneno

Que no fundo continha,—era a incerteza !
Oh ! desde então, o espirito da duvida,
Como abutre synistro, de contìnuo
Me paira sobre o espirito, e lhe entorna
Das turvas azas a funerea sombra !
De eterna maldição era bem digno
Quem primeiro tocou com mão sacrilega
Na arvore vedada da sciencia
E nos legou seus criminosos fructos...

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

———

Si o verbo creador pairando um dia
Sobre a face do abysmo, á um só aceno
Evocava do nada a natureza,
E do seio do chaos surgir fazia
A harmonia, a belleza, a luz, a ordem,
Porque deixou o espirito do homem
Sepultado ainda em tão profundas trevas.
A' debater-se neste cháos sombrio,
Onde embriões informes tumultúão
Inda aguardando a voz que á luz os chame ?

———

Quando, espancando as sombras somnolentas,
Surge a aurora no coche radiante,
Inundando de luz o firmamento,
Entre o rumor dos vivos que despertão,

Quando á minha voz, e ao sol que surge,
Pergunto:—Onde está Deos ?—ante meos olhos
A noite os véos diafanos desdobra,
Vertendo sobre a terra almo silencio,
Propicio ao scismador;—então minha alma
Desprende o vôo nos ethereos paramos,
Alem dos sóes, dos mundos, dos cometas
Varando affoita a profundez do espaço,
Anhelando entrever na immensidade
A eterna fonte d'onde a luz emana....
O' palidos fanaes, tremulos cyrios
Que na esphera guiaes da noite o carro,
Planetas, que em cadencia harmoniosa
No ether cristalino ides boiando,
Dizei-me — onde está Deos ? sabeis se existe
Um ente, cuja mão eterna e sabia
Vos esparsio pela extensão do vacuo,
Ou do seio do cháos desbrochastes
Por insondavel lei do cego accaso ?
Se conheceis vosso rei, que rege e guia
No espaço infindo vosso errante curso,
Eia, dizei-me em que regiões ignotas
Se eleva o throno seu inaccessivel ?
Mas em vão interrogo os céos e os astros,
Em vão do espaço a immensidão percorro
Do pensamento as azas fatigando !
Em vão;—todo o universo immovel, mudo
Surrir parece de meu vão desejo !
Duvida—eis a palavra que eu encontro

Escripta em toda a parte;—ella na terra,
E no livro dos céos vejo gravada,
E' ella, que a harmonia das espheras
Entôa sem cessar á meus ouvidos!

———

Vinde, ó sabios, alampadas brilhantes,
Que ardestes sobre as aras da sciencia,
Agora desdobrae ante meus olhos
Essas paginas, onde meditando
Em profundo scismar cahir deixastes
De vosso genio as vividas centelhas:
Dai-me o fio subtil que me conduza
Pelo vosso intrincado labyrintho:
Rasgai-me a venda que me enubla os olhos,
Guiae meos passos, que embrenhar-me quero
Do raciocinio nas regiões sombrias,
E surprehender no seio de atras nuvens
O escondido segredo....
Oh! louco intento!..
Em mil vigilias pallejou-me a fronte,
E amorteceu-se o lume de meus olhos
A sondar esse abysmo tenebroso,
Vasto e profundo, em que as mil hypotheses,
Os erros mil, os engenhosos sonhos,
Os confusos systemas se debatem,
Se confundem, se roção, se abalroão,
Em um cháos sem fim turbilhonando:
Attento á lhe escrutar o seio lobrego
Em vão cancei-me; n'esse affan penivel

Uma negra vertigem pouco e pouco
Me enubla a mente, e a deixa desvairada
No escuro abysmo fluctuando incerta !

. . . . . .

Philosophia, dom mesquinho e fragil,
Farol enganador de escasso lume,
Tu só geras um palido crepusculo
Onde girão fantasmas nebulosos,
Dubias visões, que o espirito desvairão
N'um cháos de interminaveis conjecturas :
Despedaça essas paginas inuteis,
Triste apanagio da fraqueza humana,
Em vez de luz, amontoando sombras
No sanctuario augusto da verdade :
Uma palavra só talvez bastára
P'ra saciar de luz meu pensamento ;
Essa ninguem a sabe sobre a terra ! . .

———

Só tú, meu Deos, só tú dissipar pódes
A, que os olhos me cerca, escura treva !
Tú, que és pae de amor e de piedade,
Que não negas o orvalho á flor do campo,
Nem o tenue sustento ao vil insecto,
Que de infinda bondade almos thesouros
Com profusão derramas pela terra,
O' meu Deus, porque negas á minha alma
A luz, que é seu alento, e seu conforto ?
Porque exilastes a tua creatura
Longe do solio teu, cá neste valle

De eterna escravidão ? — Acaso o homem,
Que é pura emanação da essencia tua,
E que se diz creado á tua imagem,
De adorar-te em ti mesmo não é digno,
De contemplar, gosar tua presença
De tua gloria no esplendor perenne ?
Oh ! meu Deos porque cinges o teu throno
Da impenetravel sombra do mysterio ?
Quando da esphera os eixos abalando
Passa nos céos entre abrasadas nuvens
Da tempestade o carro fragoroso,
Senhor, é tua cólera tremenda
Que brada no trovão, e chove em raios ?
E o iris, essa faixa cambiante
Que cinge o manso azul do firmamento
Com um laço que prende os céos á terra,
E' de tua clemencia annuncio meigo ?
E' tua immensa gloria que resplende
No disco flamejante que derrama
Luz e calor por toda a natureza ?
Dize, ó Senhor,—porque a mão occultas
Que á flux esparse tantas maravilhas ?
Dize, ó Senhor, que para mim são mudas
As paginas do livro do universo !....
Mas, ai ! que o invoco em vão ! elle se esconde
Nos abysmos de sua eternidade.
. . . . . .
Um écho só da profundez do vacuo
Pavoroso retumba, e diz duvída !...

———

Virá a morte com as mãos geladas
Quebrar um dia esse terrivel sello
Que á meus olhos esconde tanto arcano?
. . . . . .
O' campa! — atra barreira inexoravel
Entre a vida e a morte levantada!
O' campa, que mysterios insondaveis
Em teu escuro seio muda encerras?
E's tu acaso o portico do Elysio,
Que nos franqueias as regiões sublimes
Onde a luz da verdade eterna brilha?
Ou és do nada a fauce tenebrosa,
Onde a morte pr'a sempre nos arroja
Em um somno sem fim adormecidos?
Oh! quem pudéra levantar affoito
Um canto ao menos d'esse véo tremendo
Que encobre a eternidade.. ..
Mas debalde
Interrogo o sepulchro,—e debruçado
Sobre a voragem tetrica e profunda
Onde as extinctas gerações baquearão,
Inclino o ouvido, á ver se um écho ao menos
Das margens do infinito me responde!
Mas o silencio que nas campas reina,
E' como o nada,—funereo e profundo.....
. . . . . .
Si ao menos eu soubesse que co'a vide
Terminarião tantas incertezas,
Embora os olhos meus alem da campa,

Em vez de abrir-se para a luz perenne,
Fossem na eterna escuridão do nada
Apagar-se para sempre...— mas quem sabe !
Quem sabe si depois desta existencia
Renascerei para duvidar ainda ? ! . ..

DESALENTO

Nesses mares sem bonança,
Boiando sem esperança,
Meu baixel em vão se cança
Por ganhar o amigo porto;
Em symistro negro véo
Minha estrella se escondeo ;
Não vejo luzir no céo
Nenhum lume de conforto.

A tormenta desvairou-me
Mastro e vella escalavrou-me
E sem alento deixou-me
Sobre o elemento infiel ;
Oiço ja o bramir trêdo
Das vagas contra o penêdo
Onde irá—talvez bem cêdo—
Soçobrar o meu batel,

No horisonte não lobrigo
Nem praia, nem lenho amigo
Que me salve do perigo,
Nem fanal que me esclareça,

Só vejo as vagas rolando,
E mil coriscos sulcando
A medonha treva espessa.

Voga, baixel sem ventura,
Pela turbida planura,
Atravez da sombra escura,
Voga sem leme e sem norte ;
Sem vellas, fendido o mastro,
Nas rochas desfeito o lastro,
E sem vêr nos céos um astro,
Ai ! que só te resta a morte !

Nada mais ambiciono,
A's vagas eu te abandono,
Bem como um corsel sem dono
Pelos campos á vagar;
Voga nesse pégo insano,
Que nos roncos do occeano
Oiço a voz do desengano
Pavorosa á ribombar !

Voga, baixel foragido,
Voga sem rumo—perdido,
Pelas tormentas batido,
Sobre o elemento infiel ;
Para ti não ha bonança;
Atôa, sem leme avança
Neste mar sem esperança,
Voga, voga, meu baixel !

HYMNO DO PRAZER...

Basta amigos; deponde vossas taças;
Já na mente desponta almo delirio,
Que alenta o coração para os prazeres,
E doira até as sombras do sepulchro :
Basta pois:—o prazer não só habita
Nas mesas do festim, entre o alvoroço
De jogos, dansas, musicas festivas.....
Vertei ó meus amigos,
Vertei tambem no sciatho da vida
Algumas gotas de melancolia.....
Ao tumulto succeda a paz dos ermos
Bem como a noite ao dia :
Cumpre tambem banquetear o espirito,
Na paz e no silencio inebrial-o
Com o nectar da saudade ;
Na solidão, ao respirar das auras,
Se acalme um pouco o fervido delirio
Dos atroados brodios !
P'ra levar sem gemer á fatal méta
Da vida o peso—venha em nosso auxilio
Amor, poezia, e vinho.....

———

Quanto é grato depois de ter sumido
Largas horas em risos e folguedos,
Deixando estanque a taça do banquete,
Ir respirar o halito balsamico,
Que em torno exhalão floridas campinas,
E reclinando á sombra do sicomoro
Fruir em solidão esse perfume
De tristeza, de amor e de saudade,
Que em horas de placido remanso
Do mais intimo d'alma se evapora!
Vertei brisas, vertei em minha fronte
Com macio murmurio alma frescura;
Fagueiras illusões vinde inspirar-me;
Aerios cantos, querulos rumores,
Doces gorgeios, sombras e perfumes
Com risonhas visões vinde embalar-me,
E adormecei minha alma entre sorrisos.
Bem longe destes sitios namorados
O torvo enxame de crueis pesares....
Deixai-me á sós fruir
A taça misteriosa onde a poezia
A flux verte seu nectar.
Busquem outros sedentos de amarguras
De dores só nutrir o pensamento,
E em grave scismar mestos vaguêem
Entre os cyprestes da mansão funerea
Lições severas demandando ás campas;
Meditações tão graves não me aprazem;
Longe, tristes visões, funebres lavras

De agoureiro sepulchro;
Longe tambem ó vãos delirios d'alma
Gloria, ambição, futuro.—Oh! não venhaes
Crestar com o bafo ardente
A viçosa grinalda dos amores,
Nos jardins do prazer colhão-se flores
E com ella se esconda o horror da campa....

———

Deixai que os insensatos visionarios
Da vida o campo só de abrolhos junquem
Lobregando ventura além da campa;
Miseros loucos.... que os ouvidos cerrão
A vóz tão meiga que ao prazer os chama,
E vão correndo após um bem sonhado,
Ouco delirio da vaidade humana....
De flores semeae da vida as sendas,
E com ellas se esconda o horror da campa....

———

A campa! — eis nossa méta inexoravel
Que nosso ser inteiro devorando
Ao nada restitue o que é do nada!....
Mas em quanto se occulta a nossos olhos
Nos longes nebulosos do futuro
Nas ondas do prazer que mansas correm,
Larguemos a boiar a curta vida,
Bem como a borboleta matisada,
Que desdobrando ao ar as leves azas
Contente e descuidosa se abandona

D'almos favonios ao benigno sopro.

———

Descamba o sol—e a tarde no horizonte
Saudosos véos desdobra....
Do manso rio na dourada veia
Tremem ainda os ultimos reflexos
Do dia que se extingue ;
E os pincaros agudos
Onde do sol resvala o raio extremo,
Ao longe avultão quaes gigantes feros
Que a fronte cingem com diadema d'oiro.
Ah ! eis a hora tão saudosa e meiga
Em que o amante solitario vaga
A scismar illusões, doces misterios
De sonhada ventura.....
E vem ó tarde suspirar comtigo,
Em quanto não desdobra o manto escuro
A noite a amor propicia.....
Afrouxa a viração—molle sussurro :
Suspira apenas na sombria veiga
Qual vóz sumida a murmurar queixumes.
E' junto a ti, meu bem, que n'estas horas
Me vôa o pensamento.—Ah ! não vens inda
Pouzar aqui de teu amante ao lado
Sobre este chão de relva ?
Vem, nimpha, vem meu anjo aqui te aguarda
Quem só por ti suspira.....
Da tarde as auras para ti desfolhão
Cheirosas flores na macia relva,

E para te embalar em doces extases
Murmura a solidão meigos acordes
De vagas harmonias:
Vem que ermo é tudo, e as sombras já não tardão
Da noite mãe de amor.

Assim cantáva o filho dos prazeres
Nas terrestres delicias engolfado,
Mas no outro dia um golpe inopinado
Da sorte lhe quebrou o tenue fio
Da risonha illusão que o fascináva:
A noite o vio cantando hymno de amores
E a aurora o achou curvado a verter pranto
Sobre uma lousa fria.

NO DIA DE MEUS ANNOS.

AO MEU AMIGO O SR.

F. J. de C.

Helas ! helas ! mes années
Sur ma tête tombent fanées
Et ne refleuriront jamais
(LAMARTINE.)

Não vês, amigo ? Lá desponta a aurora
Seus roseos véos nos montes desdobrando;
Traz ao mundo belleza, luz e vida
Traz sorrisos e amor;
Foi esta qu'outro tempo
Meu berço bafejou e as tenras palpebras
Me abrio á luz da vida,
E vem hoje no circulo dos tempos
Marcar sorrindo o giro de meus annos.
Ja vai bem longe a quadra da innocencia
Dos brincos e dos risos descuidosos ;

Lá s'embrenhão nas sombras do passado
Os da infancia doirados horisontes.
Oh feliz quadra ! então eu não sentia
Roçar-me pela fronte
A aza do tempo estragadora e rapida ;
E este dia de envolta com os outros
La s'escoava desapercebido ;
Ia-me a vida em sonhos prasenteiros
Como ligeira brisa
Entre perfumes lêda esvoaçando;
Mas hoje que cahio-me a venda amavel
Que as miserias da vida me occultava
Eu vejo com tristeza
O tempo sem piedade ir desfolhando
A flor dos annos meus ;
Vai-se esgotando a urna do futuro
Sem do seio sahir-lhe os dons sonhados
Na quadra em que a esperança nos embala
Com seu fallaz sorriso.
Qual sombra vã, que passa
Sem vestigios deixar em seu caminho,
Eu vou transpondo a arena da existencia,
Vendo irem-se escoando uns apoz outros
Os meus estereis dias,
Qual naufrago em rochedo solitario
Vendo a seus pés quebrar-se uma por uma
As ondas com monotono bramido,
Ah ! sem jamais no dorso lhe trazerem
O lenho salvador !

Amigo, o sopro arido da duvida
Roçou-me n'alma, e deixou-a nua e fria
Como a lagem do tumulo;
Sim, tudo foi-se; sonhos de esperança
Fervidas emoções, anhelos puros
Saudades, illusões, amor e crenças
Tudo, tudo vôou-me,
Como nuvem de flores sobre as azas
De um rapido tufão.
Onde vou eu ? Para onde me arrebatão
Do tempo as ondas rapidas ?
P'ra que correr ancioso a um futuro
Onde reinão as trevas da incerteza ?
E se atravez de escuridão perenne
Só temos de sulcar ignotos mares
De escolhos semeados
Não é melhor abandonar o leme
Cruzar no peito os braços,
E deixar nosso lenho errar ás tontas
Entregue as ondas da fatalidade ?
. . . . . .
. . . . . .
Ah ! tudo é incerteza, tudo sombras
Tudo um sonhar confuso e nebuloso,
Em que se agita o espirito inquieto
Ate que um dia a plumbea mão da morte
Nos venha despertar,
E os sombrios mysterios revelar-nos
Que em seu escuro seio
Com ferreo sêllo guarda a campa avara.

O SABIÁ.

Tu nunca ouviste, quando o sol é posto,
E que do dia apenas apparece
Por sobre os ermos pincaros do occaso
A orla extrema do purpureo manto;
Quando la do sagrado campanario
Ja rebôa do bronze o som piedoso
Abençoando as horas do silencio;
N'esse instante de mystico remanso,
De maga soidão, em que parece
Pairar benção divina sobre a terra,
No momento em que a noite vem sobre ella
Desdobrar o seu manto sonolento;
Tu nunca ouviste, em solitaria encosta,
De annoso tronco na isolada grimpa,
A voz saudosa do cantor da tarde
Erguer-se melancolica e suave
Como uma prece extrema, que a natura
Envia ao céo,—suspiro derradeiro
Do dia, que entre sombras se esvaece?
O viandante para ouvir-lhe os quebros

Pára, e se assenta á margem do caminho;
Encostado aos umbraes de seu alvergue,
Scisma o colono aos sons do ethereo canto
Ja das rudes fadigas deslembrado;
E sob as asas humidas da noite
Aos meigos sons se embala a natureza,
Em extasi suave adormecida.

———

Quem te inspira o doce accento,
Sabiá melodioso?
Que magoas tristes lamentas
Nesse canto suspiroso?

———

Quem te ensinou a canção
Que cantas ao pôr do dia?
Quem revelou-te os segredos
De tão magica harmonia?

———

Acaso a ausencia tu choras
Do sól, que alem se sumira;
E teu canto ao dia extincto
Mavioso adeos suspira?

———

Ou n'essas notas sentidas,
Exalando o terno ardor,
Tu contas á meiga tarde
Segredos do teu amor?

———

Canta que o teu doce canto
N'estas horas tão serenas,
Nos seios d'alma adormece
O pungir de acerbas penas.

———

Scisma o vate ao brando acento
De tua voz harmoniosa,
Scisma, e deslembra tristuras
De sua vida affanosa.

———

E ora n'alma se lhe acorda
Do passado uma visão,
Que em perfumes de saudade
Vem banhar-lhe o coração;

———

Ora um sonho lhe vislumbra
Pelas trevas do porvir,
E uma estrella d'esperança
Em seu céo lhe vem surrir ;

———

E por mundos encantados
Lhe deslisa o pensamento,
Qual nuvem que o vento embala
Pelo azul do firmamento.

———

Canta, avezinha amorosa,
Em teu azilo soido ;
Saúda as horas sombrias
Do silencio, e do repouso ;

———

Adormenta a natureza
Aos sons de tua canção ;
Canta, até que o dia morra
De todo na escuridão

———

Assim o bardo inspirado,
Quando a eterna noite escura
Lhe annuncia a fatal hora
De baixar á sepultura,

———

Um adeos supremo á vida
Sobre as cordas modulando,
Em seu leito sempiterno
Vae adormecer cantando.

———

Colmou-te o céo de seus dons,
Sabiá melodioso ;
Tua vida afortunada
Deslisa em perenne goso.

———

No tope do tronco excelso
Deo-te um throno de verdura ;
Deo-te a voz melodiosa
Com que encantas a natura ;

———

Deu-te os échos da vallada
P'ra repetir-te a canção ;
Deu-te amor no doce ninho,
Deo-te os céos da solidão.

———

Corre-te a vida serena
Como um sonho afortunado ;
Oh ! que é doce o teu viver,
—Cantar, e amar—eis teu fado !

———

Cantar e amar ! —quem déra ao triste bardo
Assim viver um dia ;
Tambem nos céos os anjos de Deos vivem
De amor e de harmonia :
Quem me déra qual tu, cantor dos bosques,
Na paz da solidão,
Sobre as ondas do tempo ir resvalando
Aos sons de uma canção,
E exalando da vida o sopro extremo
N'um cantico de amor,
Sobre um raio da tarde enviar um dia
Minh'alma ao creador !.....

A' MEMORIA DE MEU IRMÃO.

Não vês n'essa collina solitaria
Aquella ermida, que sosinha alveja
O esguio campanario aos céos erguendo,
Como garça, que em meio das campinas
Alça o collo de neve?
E juncto a ella um tosco muro cinge
A pousada dos mortos nûa e triste,
Onde, plantada em meio, a cruz se eleva,
A cruz, bussola santa e veneravel,
Que nas tormentas e vaivens da vida
O porto indica da celeste patria....
Nem moimento, nem piedosa letra
Vem aqui illudir a lei do olvido,
Nem arvore funerea ahi sussurra,
Prestando pia sombra ao chão dos mortos;
Nada quebra no lugubre recinto
A paz synistra, que rodêa os tumulos:
Ali reina sosinha
Na hedionda nudez calcando as campas

A implacavel rainha dos sepulchros;
E só de quando em quando
Passa gemendo o vento dos desertos
E levanta a poeira dos jasigos.

———

Aqui tristes lembranças dentro d'alma
Eu sinto que se acordão, como cinza
Que o vento de entre os tumulos revolve;
Aqui me surges, infeliz amigo,
Como a imagem de um sonho esvaecido,
E no meu coração sinto echoando,
Qual debil som de suspirosa aragem
Tua vóz querida a murmurar meu nome.....
Pobre amigo!—no albor dos annos tenros,
Quando a esperança com donoso riso
Nos braços te affagava
E desdobrava com brilhantes côres
O painel do futuro ante teus olhos,
Eis que sob teus passos se abre subito
O abysmo do sepulchro.....

———

E aquella fronte juvenil e pura
Tão prenhe de futuro e d'esperança,
Aquella fronte que talvez sonhava
Ir no outro dia,—ó îrrisão amarga!
Repousar docemente em niveo seio,
Entre os risos de amor adormecida,
Vergada pela ferrea mão da morte,
Cahio livida e fria

Sobre esse duro chão em que ora dorme!

———

Tão longe de teu berço, entre estes ermos,
Depôr vieste o peso da existencia
Sem deixar um adeos a quem te amava,
E pobre campa em peregrina terra
Os restos teus esconde—ah! e quem sabe
Si são estas as lagrimas primeiras,
Que vem turbar a paz do teu jasigo?....
Não foi-te amargo o extremo passamento
Sem ter juncto a teu leito quem colhesse
Teu ultimo suspiro, e nos teus olhos
A derradeira lagrima enchugasse?

———

E hoje que venho no aposento lugubre
Verter piedoso orvalho de saudade
Na planta emmurchecida
Ah! nem encontro n'esse chão funereo
Os vestigios da morte....
Tudo aqui é silencio, tudo olvido,
Tudo apagou se sob os pés do tempo!....
E nem um goivo, nem funerea letra,
Amiga mão plantou no teu jasigo;
Ah! ninguem disse á arvore dos tumulos
—Aqui sobre esta campa
Cresce, ó cypreste, e geme sobre ella,
Qual minha dôr, um murmurio eterno!....
Sob essa grama palida e infesada
Entre os outros aqui perdido jazes

Dormindo o teu eterno e fundo somno.....
Sim, pobre flor, sem vida aqui ficaste
Envolta em pó, dos homens esquecida.

———

« Dá-me tua mão, amigo,
« Marchemos juntos nesta vida esteril,
« Vereda escura, que conduz ao tumulo ;
« O anjo da amizade desde o berço
« Nossos dias urdio na mesma têa ;
« Elle é quem doira os nossos horizontes,
« E á nossos pés alguma flor esparze....
« Quaes dous regatos, que ao cahir das urnas
« Se encontrão na vallada, e n'um só leito
« Se abração, se confundem,
« E quer volvão serenos, reflectindo
« O asul do céo e as florejantes ribas,
« Quer furiosos ronquem
« Em boqueirões sombrios despenhados,
« Sempre unidos n'um só vão serpeando
« Té se perderem na amplidão dos mares,
« Taes volvão nossos dias;
« A mesma taça no festim da vida
« Para ambos sirva, seja fel ou nectar :
« E quando emfim, completo o nosso estadio,
« Formos pedir um leito de repouso
« No asylo dos finados
« A mesma pedra nossos ossos cubra ! »

———

Era assim que tu fallavas

Ao amigo, que aos candidos accentos
De teu fallar suave attento ouvido
Inclinava surrindo :
E hoje o que é feito desse sonho ameno,
Que nos doirava a ardente fantasia ?
D'essas palavras cheias de magia
Que em meliflua torrente deslisavão
De teus labios sublimes ?
São vagos sons, que me murmurão n'alma,
Qual reboa gemendo no alaúde
A corda qne estalára.
Ledo arroio, que vinhas da montanha
Descendo alvo e sonoro,
O sol abraseado do deserto
Secou-te as ondas limpidas,
E eu fiquei só, trilhando a escura senda
Sem tuas puras aguas
Para orvalhar-me os ressequidos labios,
Sem mais ouvir o trepido murmurio
Que em tão placidos sonhos m'embalava....

———

Que importa ?—eu vejo alli a cruz alçar-se
Symbolo sacrosanto do martyrio,
Fanal de redempção,
Que na hora do extremo passamento
Por entre a escura sombra do sepulchro
Mostra ao christão as portas radiantes
Da celeste Solima,—ella alli fulge
Como luz de esperança ao caminhante,

Que transviou-se em noite de tormenta;
E alçada sobre as campas
Parece estar dizendo á humanidade:
Não choreis sobre aquelles, que aqui dormem;
Não mais turbeis com vossos vãos lamentos
O somno dos finados....
Elles forão gosar bens innefaveis
Na pura esféra, onde d'aurora os raios
Eternamente brilhão,
Deixando sobre a margem do jasigo
A cruz dos soffrimentos.

———

Adeos, portanto, funebre recinto!
E tu, amigo, que tão cedo vieste
Pedir pousada na mansão dos mortos,
Adeos,—foste feliz,—que a senda é rude
O céo é tormentoso, e o pouso incerto.

A' SEPULTURA DE UM ESCRAVO.

Tambem do escravo a humilde sepultura
Um gemido merece de saudade:
Ah! caia sobre ella uma só lagrima
De compaixão ao menos....
Filho da Africa, emfim livre dos ferros
Tu dormes socegado
Debaixo dessa terra, que regaste
De prantos e suores.
Certo, mais doce te seria agora
Jazer no meio lá dos teus desertos
A' sombra da palmeira,—não faltára
Piedoso orvalho de saudosos olhos
Que te regasse a campa;
Lá muita vez, em noites d'alva lua,
Teus manes acordàra
Canção chorosa, que ao tanger monotono
De rude lyra teus irmãos entoão. ..
Mas aqui—tu ahi jazes como a folha
Que cahio na poeira do caminho
Calcada sob os pés indifferentes
Do viajor, que passa.

———

Mas que importa—si emfim repouso achaste,
Que em vão buscavas neste valle escuro
Fertil de pranto e dores ;
Que importa—si não ha sobre esta terra
Para o infeliz azilo socegado.....
A terra é só do rico, e poderoso,
E' d'esses idolos, que a fortuna incensa,
E que, ebrios de orgulho,
Passão, sem vêr que c'oas veloses rodas
Seu carro d'oiro esmaga um mendigante
No lôdo do caminho !....
Mas o céo é d'aquelle que na vida
Sob o peso da cruz passa gemendo ;
E' de quem sobre as chagas do inditoso
Derrama o doce balsamo das lagrimas;
E' do orphão infeliz, do ancião pesado,
Que da indigencia no bordão se arrima;
É do pobre captivo, que em trabalhos
No rude affan exala o alento extremo ;
O céo é do infortunio e do martyrio
—O céo e da innocencia e da virtude !

———

Repoisa agora em paz, fiel escravo,
Que na campa quebraste os duros ferros,
No seio desta terra, que regaste
De prantos e suores.
E vós que vindes visitar da morte
O lugubre aposento,

Deixae cahir ao menos uma lagrima
De compaixão sobre essa humilde cova;
Ahi repousa a cinza do Africano,
—O symbolo do infortunio.

O DESTINO DO VATE.

A' MEMORIA DE

F. DUTRA E MELLO.

> Entretanto não me alveja a fronte, nem minha cabeça pende ainda para a terra, e com tudo sinto que hei pouco de vida.
>
> DUTRA E MELLO.

Em manso adejo desflorando a terra
Passou um dia o cysne peregrino,
E sonorosos quebros gorgeando
Despareceu nas nuvens.
Não quiz mesclar do mundo aos vãos rumores
A celeste harmonia de seus carmes ;
Passou—foi demandar em outros climas
P'ra suas azas mais tranquillo pouso,
Ares mais puros onde espalha o canto :
Onde foi elle ? em meio assim deixando
Quebrado o accento da canção sublime,

Que apenas encetára ?
Onde foi, em que margens tão felizes
Desprende agora a voz harmoniosa ?

Estranho ao mundo, nelle definhava
Qual flor, qu'entre fraguedos
Em solo ingrato langue esmorecida :
Uma nuvem perenne de tristeza
O rosto lhe emsombrava—parecia
Serafim exilado sobre a terra,
Da harpa divina tenteando as cordas
Para encurtar as horas enfadonhas
Do prolongado exilio.

Que idéas merencorias
Pendem-te assim a fronte empalecida
Infortunado joven ?
Que dor fatal ao tumulo te arrastra
Inda no viço de teus bellos annos ?
Que accento tão magoado,
Que lascera, que doe no seio d'alma,
Exala a tua lira,
Funereo como um écho dos sepulchros ?
Tua viagem começaste apenas,
E eis que ja de fadiga extenuado
C'o desanimo n'alma te reclinas
A margem do caminho.

Olha, ó poéta, como a natureza

Em torno te desdobra
Surrindo o seu painel cheio de encantos :
Eis um vasto horisonte, um céo sereno,
Serras, cascatas, ondeantes selvas,
Rios, collinas, campos de esmeralda,
Aqui valles de amor, vergeis floridos,
De frescas sombras perfumado asilo,
Alem erguendo a voz ameaçadora
O mar, como um leão rugindo ao longe,
Ali dos montes as giganteas formas
Com as nuvens do céo a confundir-se,
Desenhando-se em longes vaporosos
Donoso quadro, que me arrouba os olhos,
N'alma acordando inspirações saudosas.
Tudo é belleza, amor, tudo harmonia,
Tudo a viver convida.
Vive ó poeta, e canta a natureza.

Nas sendas da existencia
As flores do prazer ledas vicejão ;
A' mesa do festim vem pois sentar-te,
Sob uma corôa de virentes rosas
Vem esconder os prematuros surcos,
Que um sombrio scismar te tem gravado
Na fronte abraseada.
Dissipe-se aos surisos da belleza
Essa tristeza, que te abafa a mente.
Ama, ó poéta, e o mundo que a teus olhos
Um deserto parece—arido e feio

Sorrir-se-ha, qual horto de delicias :
Vive e canta os amores.

Mas se a dor é partilha de tua alma,
Se concebeste tedio de teus dias
Volvidos no infortunio :
Que importa, ó vate ; vê pura e donosa
Surrir-se a tua estrella
No encantado horisonte do futuro
Vive e soffre, que a dôr co'a vida passa,
Em quanto a gloria em seu fulgor perenne
No limiar do porvir teu nome aguarda
Para envial-o ás gerações vindouras.
E então mais bellos brilharáõ teus louros
Entraçados co'a palma do martirio ;
Vive, ó poeta, e canta para a gloria.

Porêm—respeito essa dôr sublime—
Sêllo gravado pela mão divina
Sobre a fronte do genio,
Não forão para os risos destinados
Esses labios severos, d'onde emana
A linguagem dos céos em igneos versos ;
Longe d'elle a van turba dos prazeres,
Longe os do mundo passageiros gosos,
Breves flores de um dia, que se fanão
Da sorte ao menor sôpro.
Não foi o bàfo ardente
Das insanas paixões, que os ledos risos

Nos labios lhe ha crestado;—ao longe passa
A tormenta da vida, mas não ousa
Turbar com seus rugidos
A paz d'essa alma angelica e serena,
Cujos tão castos ideaes affectos
Só pelos céos adejão.
Alentado somente da esperança
Contempla resignado
As sombras melancolicas, qu'enlutão
O horisonte da vida, mais vê nellas
Um crepusculo breve que antecede
O formoso clarão da aurora eterna,
Quando vem pois sua hora derradeira
Saúda sem pavor a muda campa
E sobre o leito do eternal repouso
Tranquillo se reclina.
Oh não turbeis os seus celestes sonhos
Deixai correr nas sombras do misterio
Seus dias melancolicos.
E' triste o seu destino
Como o luzir de moribunda estrella
Em céo caliginoso.
E o anjo d'harmonia
C'uma das mãos lhe entrega a lyra d'ouro
N'outra lhe estende o calix da amargura,
Como que mudamente está dizendo
—Por este preço alcançarás a gloria.—

Bem como o incenso, que só verte aromas,

Quando se queima, e ardendo se evapora
Assim do vate a mente
Aquecida nas fragoas do infortunio
Na dôr bebendo audacia e força nova
Mais pura ao céo se arrouba, e accentos vibra
De insolita harmonia.
Sim—não turbeis os seus celestes sonhos
Deixai, deixai sua alma izenta alar-se
Sobre as azas do extasi divino,
Deixai-a, que adejando pelo empyrio
Vá aquecer-se ao seio do infinito.
E ao céo roubar segredos de harmonia,
Que echôem sonorosos
Nas afinadas cordas de sua harpa.

Mas eil-a ja quebrada—
Eil-a sem voz suspensa sobre um tumulo
Essa harpa mysteriosa, qu'inda ha pouco
Nos embalava ao som queixoso e triste
De carpidas endeixas, repassadas
De amor e de saudade.
Ninguem lhe ouvirá mais um só harpejo
Que a ferrea mão da morte
Pousou sobre ella, e lhe abafou p'ra sempre
A voz das aureas cordas.
Mas, ó Dutra, em quanto lá no elyzio
Saciando tua alma nas enchentes
Do amor e da belleza, entre os efluvios
De perennaes delicias,

E unido ao côro dos celestes bardos,
O fogo seu derramas
Aos pés de Jehovah em gratos hymnos,
A gloria tua, teus eternos cantos,
Quebrando a mudez funebre das campas
E as leis do frio olvido, no futuro
Farão soar teu nome,
Que irá traçando um sulco luminoso
Atravez das idades

ESPERANÇA.

Singrando vai por mares não sulcados
Aventureiro nauta, que demanda
Ignotas regiões, sonhados mundos;
Eil-o que audaz se entranha
Na solidão dos mares—a esperança
Em sonhos ja lhe pinta
Rica e formosa a terra suspirada,
E corre, corre o nauta
Avante pelo paramo das ondas,
Alem um ponto surde no horisonte
Confuso—é terra—e o coração lhe pulla
De insolito prazer.
Terra—terra—bradou—e era uma nuvem
E corre, corre o nauta
Avante pelo paramo das ondas
Nos longes do horisonte
Estende os olhos—oh! que só divisa
Ermos céos, ermas ondas....
O desalento ja lhe côa n'alma
Oh! não; eis nos confins lá do oceano
Um monte se desenha

Não é mais illusão—ja mais distincto
Surge acima das ondas — oh ! é—terra !
Era um rochedo arido e tristonho
Onde as ondas batendo eternamente
Rugindo se espedação.
Eis do nosso passar por sobre a terra
Um quadro bem fiel:
E' a vida oceano de desejos
Intermino, sem praias
Onde a esmo e sem bussola boiamos
Sempre, sempre em escolhos embebidos
Atravez do futuro,
Onde com doce luz perenne brilha
O fanal da esperança.

E corre, e corre a existencia
E cada dia que cahe
Nos abysmos do passado,
E' um sonho que se esvae,

Um almejo de noss'alma
Anhelo de felicidade
Que em suas mãos espedaça
A cruel realidade,

Mais um riso que nos labios
Se vae para sempre murchar,
Mais uma lagrima ardente
Que as faces nos vem surcar,

Um reflexo de esperança
No seio d'alma apagado

Uma fibra que se rompe
No coração ulcerado.

Pouco e pouco as illusões
Do seio nos vão fugindo
Como folha ressequidas
Que vão d'arvore caindo,

E nua fica nossa alma
Onde a esperança se extinguio
Como tronco sem folhagem
Que o frio inverno despio.

Mas como o tronco remoça
E torna ao que d'antes era
Vestindo folhagem nova
C'o volver da primavera,

Assim na mente nos pousa
Novo exame de illusões
De novo porvir se arreia
De mil douradas visões.

A scismar com o futuro
A alma de sonhar não cança
E de sonhos se alimenta
Bafejada da esperança.

Esperança que és tú ? Ah ! que minha harpa
Ja não tem para ti sons lisongeiros ;
Sim—nestas cordas ja por ti malditas

Não ouves que sussurrão
As abafadas queixas

E em voz funerea soluçando vibrão
Um cantico de anathema!
Chamem-te embora balsamo do afflicto,
Anjo do céo que nos alenta os passos
Desta existencia na afanosa lida;
Nunca mais poderás, fada enganosa
Com teu canto embalar-me, eu ja não creio
Nas tuas vãas promessas;
Não creio mais nessas visões donosas
Fantasticos paineis, com que sorrindo
Matisas o futuro!
Estereis flores, que um momento brilhão
E cahem murchas sem deixarem fructo
No tronco desornado.

Vem apoz mim—tu dizes ao infeliz—
Não esmoreças, vem—é vasto e bello
O campo do futuro—là florecem
As mil delicias que sonhou tua alma,
Lá te reserva o céo o doce azylo
A cuja sombra abrigarás teus dias.
Porêm—é cedo—espera
E eil-o que vae com os olhos enlevados
Nas cores tão formosas
Com que bordas ao longe os horisontes....
Ai! misero, e não sente
Que mais e mais se embrenha
Pela sombria noite do infortunio.
E se dos labios seus queixas exhala
Se o fel do coração emfim transborda

Em maldições, em gritos de agonia ;
Em teu regaço perfida serêa
Co'a voz fascinadora, inda o acalentas ;
—Não esmoreças, não—é cedo ; espera ; —
Lhe dizes tu sorrindo.
E quando emfim no coração quebrado
De tanta decepção, soffrer tão longo
Nos vem roçar do desalento o sopro,
Quando emfim no horisonte tenebroso
Se extingue o ultimo astro de consolo :
O' esperança teu ultimo lampejo
Qual relampago em noite tormentosa,
Abre clarão synistro e mostra a campa
Nas trevas alvejando.

NO ALBUM DE UM AMIGO NA HORA DA DESPEDIDA.

Quereis um som de minha lyra ingloria ?
Em vão as cordas roucas lhe tenteio ;
Sahe um soluço funebre de morte ;
Meu coração outr'ora vaso puro
Rescendente de amor e de poesia
Hoje quebrou-se aos golpes do infortunio,
E entornou todo o aroma que continha
E só tem, ai de mim ! a offertar-vos
Uma lagrima de dôr e de amargura,
E uma palavra extrema e triste — Adeos !

FIM.

17360